

aias

"Carolina Maria de Jesus morreu, na madrugada de ontem, vítima de um ataque de bronquite asmática" — disse o primeiro a saber do fato, o editor Henrico Rastelli, da Edibolso.

Carolina Maria de Jesus — a autora de **Quarto de Despejo**, com mais de 90 mil exemplares vendidos entre 1960 e 61, já não passava bem nos últimos meses. Quarta-feira passada, os ataques ficaram mais freqüentes e ela decidiu passar alguns dias na casa do seu filho José Carlos, no Jardim Ipê, para descansar.

Por volta de uma hora de ontem, Carolina começou a passar mal. Muito mal. Eder Borges, "o amigo que tem carro", teve que correr para o Pronto-Socorro de Cipó, "onde vai médico duas vezes por semana". Em vão. O escrivão José Carlos ouviu do enfermeiro: "Seu corpo não resistiu. Morreu antes de receber qualquer ajuda."

Carolina tinha 64 anos. Veio de Minas com 16 e, no começo, ficou assustada com a cidade. Era cozinheira, mas a vida acabou fazendo dela uma favelada. Não escrevia, mas lia muito. Trabalhou catando lixo. O lenço branco na cabeça, o vestido até os pés e o casaco de lã sujos fizeram sua imagem. "Carolina de Jesus, a querida mãe preta, morreu. Não levou e não ganhou nada nesta vida" — comentou a amiga, Maria Alice.

O enterro vai ser hoje, às 8 horas, no cemitério de Parelheiros, a 34 quilômetros de São Paulo.

Carolina de Jesus vivia na favela do Canindé na década de 50. E a coisa que ela mais via era fome, miséria e promiscuidade. Ela odiava a favela. E por isso mesmo, "para aliviar", Carolina escrevia o que sentia em folhas de papel apanhadas no lixo. Depois guardava tudo numa bolsa de pano.

Um dia houve uma inauguração de um parque infantil, próximo da favela. "Todo mundo foi..." conta Carolina. A certa altura, os adultos começaram a expulsar as crianças e a tomar conta das gangorras e balanços.

Carolina disse para uma companheira, que morava no barraco ao lado: "Este é o tipo de animal com quem eu tenho que viver. Eu os porei no meu diário, assim jamais serão esquecidos."

Um repórter ouviu. Audálio Dantas, o atual presidente do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo. Ele perguntou sobre o tal diário; compilou-o em 180 páginas e arranhou editor.

O livro foi lançado em agosto de 1960, com o nome de **Quarto de Despejo**. Em menos de um ano, já tinha vendido mais de 90 mil exemplares e sido traduzido para mais de 10 idiomas. Francês, inglês, alemão e japonês são alguns deles.

E Carolina de Jesus tinha um sonho: que acabassem com as favelas. "Aquilo é o gabinete do diabo", dizia. Seu livro queria mostrar ao mundo o que é de fato a vida de um favelado. Mostrou e chocou.

Na Livraria Francisco Alves, autógrafos suficientes para superar os que foram dados a Jorge Amado e Carlos Lacerda; e 1.400 batidas de limão, maracujá



Carolina estava com 64 anos



"Quarto de despejo" foi reeditado em 76



Ela morava atualmente em um sítio — tudo o que tinha na vida.



Uma tarde de autógrafos, em 1960.

e coco. O ministro do Trabalho, João Batista Ramos, prometeu uma casa de tijolos para Carolina. Ela insistiu em que a favela tinha que acabar.

Carolina costumava repetir um trecho de seu livro para todo mundo: história de um negrinho que achou uns pedaços de carne no lixo e ofereceu para ela. "Leva Carolina, dá para comer..."

Para não magoar o garoto, ela aceitou. "Procurei convencê-lo a não comer aquela carne. Ele disse que há dois dias não comia. Acendeu o fogo e assou a carne. A fome era tanta que nem deu tempo de assar — só esquentou. Para não ver o menino comer aquela carne, saí pensando: faz de conta que não presenciei

dou para uma casa de tijolos, limpa como ela sonhava, mas não gostou

"Pensei que houvesse mais idealismo, menos inveja. Muitas vezes, inesperadamente, sem querer me lembro da favela" — disse ela.

A favela estava maior, tinha crescido ainda mais. Carolina vendeu a casa e foi morar num sítio, no quilômetro 34 da estrada de Parelheiros

A casa do sítio é simples. Abóbora com janelas verdes. A rua é de terra e galpão que servia como bar, está fechada. Carolina morreu "Faz muitos anos ela andava triste, pois entrou num meio sem a menor experiência e serviu de isca para muito espertalhão. Só deram para ela o suficiente para viver" — diz seu filho João José, 29 anos.

"Hoje — conta ele — se não tivesse ajuda dos filhos, o que ganha de direitos autorais não daria para viver. Só tem o sítio."

O fracasso começou no segundo livro, **Casa de Alvenaria**. Três mil dos 10 mil exemplares editados encaixaram. Os editores desanimaram e as portas começaram a fechar. A ponto de seu terceiro livro ter que ser editado por ela mesma. **Os Provérbios de Carolina de Jesus**, que vendeu menos que o segundo. Nessa época, ela comentou: "Pensei que eles iam me construir, mas acabaram me destruindo."

Dai para frente seu nome desapareceu. Atualmente ela vinha trabalhando na enxada e plantando flores — comenta o filho. Mas há duas semanas pareceu surgir uma nova chance para a autora de **Quarto de Despejo**: "E ela tem um novo sonho: ir para os Estados Unidos e filmar seu livro" — explica o filho.

Na porta do sítio, Rastelli — o editor que no final de 76 reeditou **Quarto de Despejo**, pela Edibolso — conta como foi que a coisa aconteceu.

"Recebi, faz duas semanas, uma carta do meu editor americano, E. P. Dutton. Ele dizia que o produtor Scarpone queria filmar o livro e prometia um mínimo inicial de 10 mil dólares. Depois entraria a participação na bilheteria. Na verdade, já mandei a contra-proposta — agora não sei como vai ser. É, inclusive, uma pena. Ir para os Estados Unidos é o que ela mais queria."

Ninguém está chorando, no velório Maria José — uma vizinha — diz que nos últimos meses Carolina só falava em ir para os Estados Unidos. "Nem que a favela deveria acabar ela falava mais. Queriu ir para os Estados Unidos, lá poderia começar uma coisa nova, novas reportagens, mostrar outra vez, o mundo dos favelados, escrever mais..."

Na pequena sala, onde seu corpo foi velado, uma estante. Misturam-se Alexandre Dumas, Machado de Assis, Érico Veríssimo e Dostoiévsky.

Uma frase que ela costumava repetir sempre, define as mudanças que sofreu: "Minha vida é como antes. Mas hoje eu tenho vergonha de catar papel..."

Silêncio na sala. O cachorro de Carolina late, no quintal.

Do manuscrito do "Quarto de Despejo"

esta cena. Isto não pode ser real num país fértil como o nosso."

A história continua: "No outro dia, encontraram o pretinho morto no lixo. Os dedos do pé abriram; e parecia um leque. Ele aumentou como se fosse borra-cha. Não trazia documentos e foi sepultado pela Polícia. Ninguém procurou saber seu nome. Favelado não tem nome."

E Carolina continuava dizendo que a favela tinha que acabar. Os editores mostravam o sucesso do livro; diziam que a revista Time havia comparado **Quarto de Despejo**, a Lolita, de Nabokov. As promessas de lucro e de fama estavam aos pés de Carolina. Ela saiu da favela do Canindé, mas a favela não acabou; mu-